

Aproximações e alinhamentos a propósito de Esclarecimento e Civilização

Aline Magalhães Pinto /PUC-RIO

Resumo:

O presente ensaio pretende apresentar uma discussão entre dois textos bastante distintos, *O Conceito de Esclarecimento*, capítulo inicial da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno/Horkheimer e *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de Rousseau. O tom amargo de ambos os textos parece revelar um destino sem esperança para os homens. Entretanto, percebe-se em ambos os textos, nas entrelinhas, a idéia de que existe “algo” humano que pode ser resgatado (liberdade); embora se encontre corrompido pela autonomização das regras de sociabilidade (razão). Contudo, a possibilidade do mundo administrado, ou da tirania, está colocada e é muito palpável. De onde viria o apelo à comiserção, à compaixão, à desmitificação. Identificar-se com o sofrimento de um outro nós-mesmo é o *a priori* de uma sociedade que viria a se constituir por laços da confiança, da amizade, da reciprocidade. Por uma tristeza mimética aprenderá o homem a ver um mesmo de si no outro exposto, vulnerável, mortal?

“Onde, em jardins exaustos

Nada já tenha fim

Forma teus fúteis faustos

De tédio e de cetim

Meus sonhos estão exaustos

Dorme comigo e em mim.”

Fernando Pessoa

I

Pôr em questão movimenta uma leitura. Sendo assim, como ponto de partida, pergunta-se: o que significa viver em *civilização*? Ao redor da problematização da idéia de civilização como tipo de sociabilidade ideal teceram-se inúmeras tramas, elogiosas ou nem tanto, que trataram de narrar a experiência de vivência e convivência dos homens “civilizados”. A ironia da civilização encena o abismo entre seus males e benesses.

Entretanto, adia-se uma “solução” para, como máscaras de respostas, *pensar* a questão. Isto porque as maneiras de viver em comunidade com aqueles aos quais se assemelha, com os demais, impõem uma série de questionamentos e problemas. Refletem a inquietude intrínseca à sociabilidade humana. O contato entre semelhantes, do qual se abstrai formas sociais, é intensificado na modernidade por meio da exposição a uma série de estímulos interiores e exteriores que se alternam brusca e ininterruptamente. O que implica um ritmo de vida acelerado, exigindo uma conduta cotidiana pautada em exatidão e precisão minuciosa. Ambigualmente, gera uma estrutura de enorme impessoalidade e ao mesmo tempo, a promoção de uma subjetividade muito acentuada. (Cf. Simmel, 1979, Pp.11-25.)

Civilização e modernidade se entrelaçam, embora não haja uma relação de identidade entre os dois termos. Considera-se, junto a Elias, que não exista nada que se possa chamar de civilização, no sentido de algo pronto e acabado. Existem movimentos civilizadores, dado seu caráter não linear, que correspondem às mudanças na conduta e no comportamento humano. O modo de vida civilizado não é o resultado de um planejamento, de uma intenção racional, embora também não seja uma seqüência de mudanças caóticas. A modernidade se insere, neste argumento, como um momento crucial devido à aceleração temporal, às várias inovações tecnológicas, e ao aumento vertiginoso das redes de interdependência humana. (Cf. Elias, 1993)

Se pensarmos com Kant, razão é o modo de sociabilidade especificamente moderno. Isto quer dizer que a convivência humana, no Ocidente, mediatizou-se pelo comportamento racional, pela racionalidade. Para Kant, a razão contém a idéia de uma convivência livre e fraterna; este convívio seria a verdadeira universalidade (Kant, 1984. PP 28-88).

Tomando dois textos bastante distintos, *O Conceito de Esclarecimento*, capítulo inicial da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno/Horkheimer [1944] e o *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de Rousseau [1753], este ensaio concretiza-se como uma tentativa de dar ao pensamento a oportunidade de trabalhá-los em suas tangências e incongruências, como índice e vestígio daquilo que, ao longo da história de suas respectivas recepções, talvez sejam. O *talvez* como modalidade de pensamento pressupõe que o argumento de um texto nunca se reduz à uma estrutura coerente, portadora de uma determinação. Interessa rastrear problemas em comum, e diferentes posturas em relação a tais problemas. Nestes movimentos, as questões que vão de encontro umas às outras se comportam como aberturas em que o trabalho de pensar pode ser feito. Desta forma, atravessando um abismo de séculos, as inquietações do texto de Rousseau se solidarizam com o que Adorno e Horkheimer chamam de *pensamento indisciplinado* por conter elementos que se lançam à tentativa de *estremecer* as idéias das Luzes: que teria levado o homem a trocar a felicidade pela tranquilidade? Qual encadeamento de prodígios levaria a natureza ser submetida pela Lei, instaurando a civilização? A liberdade do homem, e a sua felicidade se encontram na civilização? É possível ao homem a felicidade, a liberdade? (Rousseau, 1980. Adorno; Horkheimer, 1991. Pp. 50-51)

Um homem não-civilizado é livre porque depende somente do próprio corpo. Este é seu maior instrumento. O homem civilizado perde força, coragem e vigor ao perder seu vínculo com a natureza. A civilização se enriquece de técnicas que não emancipam o homem. Pelo contrário, o tornam mais e mais dependente, de cada vez mais processos tecnológicos. Este argumento é comum aos dois textos trabalhados, e funcionará como base em que funciona, nas linhas que percorrem os textos, a proposição que afirma que ao aperfeiçoamento técnico-científico não sucederá um aperfeiçoamento humano. Os textos tomam caminhos diversos, nunca antagônicos. Ambos retornam ao simulacro de um passado distante, dimensão alternativa, primeira, para argumentar contra as mazelas da *sociabilidade civilizada*. Carregam consigo uma profunda descrença com relação ao movimento civilizador.

A relação entre *O Conceito de Esclarecimento*, capítulo inicial da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno/Horkheimer e o *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de Rousseau é pensada enquanto um debate de perspectivas a respeito da civilização moderna. Neste diálogo, espera-se abordar pontos importantes que fazem parte da órbita dos movimentos de interpretação do homem sobre si e o mundo que o envolve. Homem emerge aqui como ser natural que, ao ter a existência limitada pelo tempo e pelo espaço, é capaz de revelar de maneira discursiva as totalidades sociais em que se desenrola a vida.

II

“A Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.” (Adorno; Horkheimer, 1991. Pp. 19)

Adorno/ Horkheimer desejam traduzir o sentimento de horror perante a razão civilizadora. A sedução das Luzes não mais vinga. A racionalidade que marca o desenvolvimento da civilização aparece em seu caráter restritivo. Tem como projeto o desencantamento do mundo. Com a expressão “desencantar o mundo” visa-se apontar a relação com o vivido que apenas pretende explicá-lo, dominá-lo, subjugá-lo, como maneira de cessar o medo ancestral que o ser humano nutre pelo desconhecido, por aquilo que não controla.

Explicações para o mundo são reflexos do medo. O emaranhado da natureza em face o elemento individual causa um terror tal que somente algum tipo de transcendência poderá aplacá-lo. Tomada como fonte da angústia existencial, a natureza é duplicada. Artificio que cria a distinção entre aparência e essência, ou ação e força, e está na base tanto da ciência quanto do mito. (Ibidem, 20-21)

Da distinção entre ser e aparecer surgirá, dirá Rousseau, a astúcia enganadora e todos os vícios que lhe servem de cortejo. Quando o homem procura se libertar do medo, encontrará a dependência eterna a uma insaciável sede de renováveis necessidades. (Rousseau, 1980. Pp 186)

Segundo os autores da *Dialética do Esclarecimento*, submeter o mundo ao domínio humano significou reduzi-lo à capacidade de compreensão do homem, homogeneizá-lo. A multiplicidade do vivido deve ser apreendida pelo mito ou pela técnica. A busca por maior precisão no domínio da natureza leva à sistematização progressiva das diferenças, adequando-as a unidade do pensamento racional. O instrumento desta dominação é a idéia de unidade, como totalidade universalizável. A lógica formal adota a idéia de unidade como base do conhecimento, oferecendo a possibilidade de calcular a vida. O esclarecimento só reconhece como ser existente o que se deixa captar pela unidade. Ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda coisa e cada coisa; que agrega a dominação ao todo e às partes. O pluralismo, a descontinuidade, a multiplicidade, o disperso e caótico devem-se reduzir à ordem e à unidade. A equivalência e a identidade são princípios de dominação e se dedicam a submeter o heterogêneo ao comparável.

Contudo, embora tenham bases convergentes, ciência e mito não se confundem. Os meios nos quais se esboçam os sistemas explicativos se distinguem. A magia mítica opera por “substitutibilidade” específica, que vincula, de maneira singular e instável, aquilo que se quer dominar (a natureza) ao signo pelo qual se pretende exercer a dominação.

Já o sistema explicativo que os autores frankfurtianos chamaram de racionalidade corrosiva, aquele que resplandece na passagem do mito ao logos, carrega a ambiguidade de destruir o mito e, simultaneamente, se mitificar. Para vencer a superstição e imperar sobre a natureza dominada, o esclarecimento se tornou uma forma de pensamento brutal, inclusive contra si mesmo. A capacidade de substituição universal encontrada no pensamento esclarecido cria uma cisão abissal e permanente entre sujeito e objeto, radicalizando a angústia mítica. Poder e conhecimento emergem neste cenário como sinônimos. Muito embora os mitos também já estejam sobre o signo da disciplina e poder, o que os diferem da ciência esclarecida é a violência com que esta destrói qualquer resistência. O caráter totalitário do esclarecimento aparece de maneira inequívoca quando tudo que lhe resiste se transforma em discurso argumentativo, parte do sistema racional.

O esclarecimento, ainda que se imponha ao mito como forma de explicação e domínio da natureza, não pôde, todavia, se desvencilhar do caráter de repetição com que condena o pensamento mítico. Quanto mais explicado e esclarecido está o mundo e suas relações, maior é o fastio, o enfado, da sensação de que não há nada de novo sob o sol. Mais difícil e raro se torna o olhar que encontra o novo, que se emociona, que se deixa tocar. O princípio de imanência condena o esclarecimento a perpetuar a repetição porque esvazia o poder dos eventos em prol da linearidade temporal do *perfectionnement*. intrínseco a este modelo de racionalidade.

De maneira que os homens são forçados a assegurar a auto-conservação pela adaptação daquilo que desconhecem ao que podem controlar. A auto-conservação, entendida como submissão à necessidade, conduz a dois movimentos simultâneos: a artificialização da natureza e a naturalização do artificial. Materializando e objetualizando a natureza, o homem afastou-se de si mesmo. O ser que se resolve no *logos*, alienado, torna a dominação da natureza como fim último de sua existência. Conseqüência ambígua é fato de que quanto mais bem sucedida é a dominação da natureza, quanto mais triunfante é progresso, mais irrefreável é a regressão do homem ao estado de absoluta sujeição. Esta regressão não diz respeito a uma volta no tempo, mas à perda de humanidade. (Adorno; Horkheimer, 1991. Pp. 26-35)

As Luzes da razão esclarecida potencializaram o espírito para subjugar o desconhecido, o colocando em marcha laboriosa e incessante rumo ao infinito. Ao mesmo tempo amarraram esta eficiência a uma eterna limitação: necessidade de auto-domínio, expressando a dominação daquilo que de natural há no homem. O esclarecimento decretou a escravidão humana ao fazer da necessidade sua base de ligação com a liberdade. Esta concepção de liberdade, quantitativa e mecânica, associada à percepção da natureza como algo alheio, estranho e ameaçador, reforça o caráter totalitário da racionalidade esclarecida.

Rousseau acrescentaria, irônico, que a civilização seria a “venturosa” situação de dependência universal. (Rousseau, 1980. Pp 165)

O argumento contra as Luzes declara que o discurso da igualdade libertária é, de fato, encenação de uma farsa. A unidade esclarecida produz uma igualdade repressiva. A idéia de universalidade social somente mascara o caráter opressor da homogeneidade coletiva. A igualdade, instrumento e artifício da justiça, faz com que, na civilização, impere o homogêneo sobre as diferenças.

Se a magia se adapta ao múltiplo para explicá-lo, outros são os caminhos da ciência esclarecida. A construção do sujeito tem como base um homem que se vê imagem e semelhança do indizível e invisível. Esta identidade funda a racionalidade instrumental, na medida em que possibilita ao pensamento desviar-se da ambigüidade própria à linguagem, simultaneamente idêntica e não-idêntica. A identidade do espírito se consolida como máscara de si mesmo. Como imagem e semelhança daquilo que não é dito, ela organiza o que escapa à linguagem. Torna-se reflexo da unidade da natureza. Aqui, a natureza já não é mais caos.

A abstração, instrumentalizada pelo esclarecimento, pressupõe a distância do sujeito em relação ao objeto, que nada mais é do que a distância do homem em relação ao vivido. Esta sublimação, fundamentada em um artifício de linguagem, legitimada pela lógica discursiva, reflete a dominação na esfera do conceito. As astúcias da linguagem tendem a anteceder e permear o uso da violência estritamente física nos processos de dominação e exemplificam o poder da palavra na civilização.

Não obstante, a linguagem não carrega só signos e não se reduz ao trajeto no qual se compõem identidades. Palavra é também som, imagem. Esta dimensão da linguagem, que serve mais ao diverso e múltiplo do que ao *esclarecimento* e a lógica, foi renunciada como forma de explicação do mundo. Enquanto signo, a palavra serve à ciência porque mensura o vivido. Mas, enquanto som e imagem, poesia, ela permanece nas artes, e não tem legitimidade para explicar o mundo. Fora transformada em fantasia, ficção, irrealidade.

A renúncia à arte é recusa a integração à natureza, em função da vontade de conhecê-la travestida em cálculo e previsão, e pela vontade de dominá-la via técnica. Renunciada como forma de conhecimento, a expressão estética é tolerada como prazer. Isto porque na medida em que a civilização faz de seu caminho obediência e trabalho, a verdadeira arte é a tecnologia. A promessa de irresistível prazer contida na experiência estética é sedução neutralizada como mero objeto de contemplação. O esclarecimento cuidará para que fruição artística e trabalho manual jamais caminhem lado a lado.

O esclarecimento é irresistível. Ele se infiltra e se dissemina por todos os lugares. O não-idêntico e difuso se perdem nas correlações ao já conhecido, já decodificado. A ciência e a teoria do conhecimento

carregam uma perversidade maior que a metafísica, uma vez que esta última permite ainda o vislumbre do abismo do diverso, devido à incongruência entre conceito e realidade. A metafísica é ainda metáfora. A imparcialidade do discurso científico torna a alteridade impotente, pois sua expressão sempre se dá por um signo neutro, moeda sem valor. Do mito à logística, o esclarecimento condecora a civilização ocidental com a perda progressiva do elemento de reflexão sobre si mesmo. (Adorno; Horkheimer, 1991. Pp. 38-42)

Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as emoções e sensações, o homem volta a si conduzido pelo princípio do Eu: seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade. Seria a radicalização do descentramento do homem sociável, segundo Rousseau. Em sociedade civilizada os homens estão reunidos e desunidos, e o consenso emerge como opressão. Fecha-se o círculo e todos os particulares se tornam iguais, porque nada mais são. (Rousseau, 1980, 200-203)

A vida em civilização está fadada a caminhar para clarificação absoluta, lucidez plena que emerge paradoxalmente como o lado mais cruel da irracionalidade?

O texto de Adorno/ Horkheimer não considera a vida humana um processo inexorável. O pensamento esclarecido opera numa lógica que significa, ao mesmo tempo, o progresso da dominação e seu desnudamento. Não é possível se desvencilhar da dimensão negativa que está embutida em toda abstração, e abstrair sempre é separar, distanciar, objetivar. Portanto, como a cisão criada ainda é máscara, o pensamento conceitual será capaz de abstrair e produzir a percepção da distância entre aparência e essência. Romper com a lógica esclarecida implica num uso indisciplinado desta mesma lógica. Porque se por um lado o conceito, base da lógica do esclarecimento, distancia o homem da singularidade do vivido, por outro, ele serve como medição desta distância.

Contudo, a mitificação em torno do pensamento científico e suas formalidades dificulta as subversões de pensamento. As tentativas tendem a se alinhar e aninharem-se como mais um discurso dentro das ciências. A mistificação das massas também atua neste sentido, ao criar impedimentos à formulação de novos modos de conhecimento, novas maneiras de pensar e de viver, alimentando o sistema que tem na lógica e no dinheiro as linguagens universais que desumanizam o homem pela identidade de tudo com tudo, ao efeito de que nada pode ser identificado consigo mesmo. (Adorno; Horkheimer, 1991. Pp. 50-52)

III

Os avanços da razão estão definitivamente ligados ao desejo. Desejo de desfrutar leva a querer conhecer. Poder e conhecimento atuam, pois, como sinônimos: O viver civilizado é um *acontecimento* que se deu porque os homens são dotados de liberdade. O que não significa que ajam sempre da melhor maneira. Se fossem pela natureza regidos, como são os outros animais, certamente estariam vivendo melhor. O homem experimenta, pode resistir aos impulsos naturais. O paradoxo é que o único animal que pode se aperfeiçoar, também é o único capaz de se imbecilizar, caso perca os instrumentos o que levaram ao aperfeiçoamento atingido. (Rousseau, 1980. pp 174-175)

Rousseau afirma que o civilizado se distingue do selvagem porque sacia seus desejos por meio de abstrações, exprimidas por meio de uma linguagem comum. O homem era auto-suficiente e senhor de si, encenado no simulacro que o texto de Rousseau cria como *antes* da linguagem. O aparecimento da linguagem é sintoma da fraqueza dessa frágil espécie, composta de seres que precisam uns dos outros. A civilização seria devedora e dependente do uso das palavras, veículo de transmissão de conhecimento e potencialidades. Por meio da arte de articular as palavras, puderam os homens estabelecer um comércio e comunicar os pensamentos. Tal é o ensejo que abre e justifica, nos textos abordados, a importância do papel da linguagem no processo de civilização. (Ibidem PP. 178)

A natureza não preparou uma sociabilidade humana civilizada, não facilitou o uso da linguagem ou arquitetou necessidades recíprocas que pudessem obrigar os homens a viver em conjunto. O ser humano, para Rousseau, é um ser naturalmente desigual, composto de diferenças físicas e psicológicas. Contudo, Sobrepostas às diferenças naturais estão as diferenças artificiais, que variam em decorrência do convívio mútuo, ou seja não são naturais e nessa medida nada mais são do que maneiras de dominação. As regras da justiça e de paz artificializam a igualdade, submetendo igualmente o poderoso e o fraco a deveres mútuos. (Rousseau, 1980. Pp 189 e ss)

Visto que as regras e princípios morais visam regular problemas surgidos em função de diferenças artificiais, não há necessidade natural de convívio social civilizado. Não há uma natureza humana, uma essência, de caráter moral. Os homens não civilizados são seres amorais, não porque são ou não cruéis, mas simplesmente porque a moral é um elemento da civilização. Sem civilização (sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra) o homem está sujeito a poucas paixões. É claro que este ser, como homem, será movido por desejo. Entretanto, além de desejante, para Rousseau, o ser humano possui duas qualidades não dependentes da moral, das quais decorrem todas as virtudes humanas: amor-de-si e compaixão. A conjugação das duas concorre para a manutenção da própria vida e para a consideração da vida do semelhante. Para além desses dois elementos, tudo que se pode chamar de moral e de valores civilizados são artificiais. (Rousseau, 1980. Pp 191-193)

Sem esses valores vive-se uma barbárie?

No *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau afirma que o estado de guerra permanente não é possibilidade para as sociedades primitivas. Para a civilização, entretanto, ele se torna uma ameaça constante. Isto porque junto ao progresso, enquanto as ciências e técnicas avançam em aperfeiçoamento constante, a “alma” humana caminhou para a corrupção e depravação. O que ocorre em decorrência da necessidade de satisfazer uma multidão de paixões. O não civilizado não pode ter paixões insaciáveis porque não tem poder de abstração, consegue tudo que precisa para manter o seu maior bem, a vida, com o único instrumento que possui, seu próprio corpo. É a razão, inserida no cotidiano pelo convívio necessário com outros homens imposto pela civilização, que engendra o amor-próprio. Diferente o amor-de-si, esta auto-relação é fortificada pela reflexão, permitindo que o homem se veja em separado de tudo que o molesta. Esta abstração concede ao homem o poder de se perceber em condições de dominar o que lhe falta, e que lhe faltará cada vez mais, visto que o desejo criado artificialmente é insaciável. Se dependêssemos do princípio racional, o gênero humano já não mais existiria. O princípio de aperfeiçoamento da razão humana leva, invariavelmente, à deterioração da espécie, conduzindo o homem e o mundo a um soçobrar progressivo e inexorável. (Rousseau, 1975)

O que a civilização usurpa de mais precioso aos homens é a liberdade. O mais refletido, ou esclarecido como preferem Adorno/ Hockheimer, projeto do espírito humano é a concepção que forja uma sociedade política com bases fixas em uma ordem de propriedade e desigualdade. Instaure-se a necessidade como condutor das atividades da experiência de convívio humano. O homem civilizado é o homem policiado, conduzido pela necessidade insaciável. Atormentado incessantemente, em busca de ocupações cada vez mais laboriosas.

Rousseau lança um olhar crítico para a civilização; vê com profundo ceticismo a perspectiva de aperfeiçoamento inexorável da espécie humana. Os efeitos da civilização são imorais: guerras, batalhas, assassinios, represálias. Tais seqüelas levam à deterioração da espécie, promovem a contínua domesticação do gênero humano. Lançam as bases para a instrumentalização das relações humanas na medida em que a alteridade não desperta compaixão, mas sim vaidade, desprezo, vergonha e inveja. Portanto, conclui Rousseau, a origem da desigualdade não está na instituição política, no governo. Ela se instala nos interstícios da vida cotidiana da sociedade civilizada.

A ação que se faz unicamente em função de dominar ou de se sobressair entre os demais é sintoma de perda na capacidade de compaixão que leva a um empobrecimento da experiência vivida, mutilação do homem

em sua relação com o mundo. Em mundo de desigualdades artificiais é habitado por indivíduos esvaziados, movidos por necessidades supérfluas e pela ânsia de atenção alheia. A sociedade de aparências conduz a um individualismo exacerbado e paradoxalmente, subjetividade ocas e domesticadas. Fechado o sistema argumetativo, percebe-se que todas as desigualdades acabam por tornar a humanidade homogeneizada em seu vazio (Rousseau,1980. Pp 239 e ss)

Para romper esse lamentável círculo, Rousseau propõe a construção de um modelo de conduta regido por princípios que possam levar o homem à viver em sociedade sem se desumanizar, e pela busca por condições para um convívio com alguma garantia à felicidade e liberdade. A idéia do cidadão virtuoso é um artifício que tornaria a convivência humana possível. A idéia de artificialidade em Rousseau é dúbia: se a desigualdade, a civilização e todos seus males são artifícios; a possibilidade de reversão do mecanismo também é artificial. Índice de que, tal como Adorno/ Horkheimer, Rousseau não desautoriza a razão e capacidade reflexiva humana. O problema é encontrar ou criar princípios que embasem o aperfeiçoamento da razão, para que ela não se abandone em si mesma e se transforme em pura instrumentalidade

IV

O tom amargo de ambos os textos parece, em um primeiro momento revelar um destino sem esperança para a humanidade. Entretanto, em um segundo contato, percebe-se em ambos os textos, nas entrelinhas, a idéia de que existe “algo” humano que pode ser resgatado (liberdade); que embora corrompido pela autonomização das regras de sociabilidade (razão), possa ser despertado. A síntese humanizadora não é fim dado, incondicional. A possibilidade do mundo administrado, ou da tirania, está colocada e é muito palpável. Mais possível (talvez?) do que o inverso, do que a inversão desta lógica. De onde viria o apelo à comiserção, à compaixão, à desmitificação. Identificar-se com o sofrimento de um outro nós-mesmo é a priori de uma sociedade viria a se constituir por laços da confiança, da amizade, da reciprocidade. Por uma tristeza mimética aprenderá o homem a ver um mesmo de si no outro exposto, vulnerável, mortal?

Bibliografia

Adorno, Theodor; Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. 3ed.

Elias, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Hirschman, Albert O. *As paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo*. São Paulo: Paz e Terra.

Kant, E. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. In: Gardiner, P. *Teorias da história*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984. Pp. 28-88. [1784]

Rousseau, Jean-Jacques. In: *O contrato social e outros escritos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980

Rousseau, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. In: *O contrato social e outros escritos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975

Simmel, George. *A metrópole e a vida mental*. In: Velho, Otávio (org.) *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, Pp.11-25.